CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO E HOMOSSEXUALIDADE

Rafael Salatini *

RESENHA DE:

Triângulo rosa – Um homossexual no campo de concentração nazista.
Rudolf Brazda & Jean-Luc Scwab. Trad. A.C.S. Marques.
São Paulo: Mescla, 2011. (184 p.)

* Doutor em Ciência Política – FFLCH-USP
Professor de Ciência Política – Unesp-Marília
E-mail: rafaelsalatini@marilia.unesp.br

As autocracias nunca foram capazes de conviver com nenhuma das liberdades individuais conhecidas, da liberdade religiosa, passando pela liberdade de expressão, até a liberdade sexual. Sobre esta última, lembremos que a homossexualidade passou a ser considerada crime na URSS a partir de 1933. Em Cuba, nos anos 1960, o regime castrista impusera para os homossexuais, entre outros grupos sociais, verdadeiros campos de concentração e trabalho forçado (os campos da UMAP), além da segregação para indivíduos que contraíssem AIDS e a criminalização de práticas homossexuais em público, incluindo o hoje extinto tipo penal de "assédio de ordem homossexual". Também quando a França foi ocupada pelos nazistas, em 1942, a legislação homofóbica nazista (em especial o § 175 do código penal nazista) foi estendida àquele país, sendo revogada apenas em 1982! Etc., etc., etc.

A publicação de *Triângulo rosa – Um homossexual no campo de concentração nazista* (2010), biografia de Rudolf Brazda, escrita por Jean-Luc Schwab, conta mais um capítulo – um capítulo importante e pouco divulgado – dessa triste relação entre o espírito autocrático e a liberdade sexual. Brazda, cidadão alemão filho de pais tchecos, foi condenado duas vezes pelo regime nazista pelo crime de homossexualidade, deportado para Tchecoslováquia e, com a invasão desta pelos nazistas, enviado para o campo de concentração de Buchenwald, onde ficou preso por quase três anos, juntamente com outros "triângulos-rosa" (como eram chamados os homossexuais nos campos de concentração nazistas), sendo libertado no período final da guerra. É hoje o último sobrevivente conhecido dos quase 10.000 "triângulos-rosa", dentre os quais cerca de 4.000 sobreviveram.

A obra retrata a vida de Brazda desde a infância e segue até os dias atuais, intercalando os intragáveis fatos políticos da primeira metade do século passado com as experiências pessoais do personagem principal. Retratando especialmente a relação entre política autocrática e a orientação sexual de Brazda, a obra se inicia com uma volta no tempo, até a unificação alemã, em 1871, quando o Império Alemão (ou II Reich) recebera um código penal em que se proscrevia a homossexualidade, afirmando em seu texto legal que a "luxúria contra o que é natural, realizada entre pessoas do sexo masculino ou entre o homem e o animal, é passível de prisão" (§ 175). Ainda que considerado como delito leve, e cuja aplicação tenha sido abrandada pelo regime republicano de Weimar, que se instalara com o desmantelamento imperial, a criminalização da homossexualidade se tornará incrivelmente crescente com a ascensão nazista, tanto nos textos legais quanto nas práticas policiais e administrativas. Então com 20 anos quando o partido nazista conquistou o poder na Alemanha, Brazda e muitos de seus amigos conheceriam a perseguição policial e a condenação

legal pelas práticas do § 175, então tornado mais abrangente em sua tipificação das condutas homossexuais. Sem ter praticamente qualquer direito à defesa contra as acusações processuais de um Ministério Público e as sentenças de uma magistratura nazificados, Brazda conheceria a prisão e em seguida a deportação para a Tchecoslováquia, com o que seus problemas com as autoridades nazistas estariam apenas começando.

Na região tcheca germanófila de Karlsbad, para onde migrara por não conhecer a língua tcheca, uma vez que nascera e fora criado na Alemanha, Brazda trabalhará em subempregos, junto à prostituição e estabelecimentos noturnos, onde conhecerá novas amizades e tentará essencialmente ganhar dinheiro. Com a anexação da região tcheca dos Sudetos pelo III Reich, em 1938, e a invasão do restante do país, em 1939, tornando-se protetorado alemão, com o título de Protetorado da Boêmia-Morávia, a jurisdição do código penal nazista passaria a abranger praticamente toda a região. Dessa forma, em 1941, serão novamente conhecidas por Rudolf Brazda a perseguição policial e a condenação por práticas homossexuais (ou, segundo a legislação penal alemã, por "luxúria antinatural").

Da prisão, juntamente com outras pessoas, Brazda será, então, transferido diretamente para o campo de concentração de Buchenwald (um campo de trabalho forçado de prospecção geológica), sob uma classificação macabra: "Acima dessa matrícula – afirma o biógrafo – deve-se pôr o pequeno triângulo feito de tecido colorido. Um triângulo de poucos centímetros de lado, usado com uma ponta para baixo e costurado na camisa, na altura do coração. A cor depende do motivo da detenção. A matrícula 7952 antes se referia a triângulos de cores diferentes: primeiro, o vermelho dos prisioneiros políticos [...], depois, o preto dos 'antissociais, resistentes ao trabalho' e o verde dos 'criminosos profissionais' [...]. Para Rudolf, a cor é rosa, escolhida para estigmatizar a homossexualidade. Um sistema de classificação bem simples, com uma particularidade para os presos judeus: para eles é uma estrela amarela, às vezes uma estrela de duas cores (um triângulo amarelo e um triângulo com a cor correspondente a segundo motivo de deportação)" (p. 111). Mais macabra ainda é a hierarquia de importância entre os diversos grupos concentrados: "Eles [os homossexuais] não têm peso algum diante dos comunistas, dos social-democratas, das testemunhas de Jeová ou dos grupos nacionalistas que se apoiam mutuamente. Pior: para os SS, os triângulos-rosa ocupam o lugar mais baixo na hierarquia de prisioneiros, junto com os judeus, os roms e os sinté [dois grupos ciganos]" (p. 122).

A libertação vem em 1945, com a ocupação norte-americana do campo de Buchenwald e seus "satélites", por onde passaram cerca de 240.000 detentos do

sexo masculino, com cerca de 56.000 pessoas vitimadas (incluindo algumas centenas de mulheres e crianças, além de soldados soviéticos) e 21.000 prisioneiros no dia da libertação (ainda que centenas deles viessem a falecer nos dias seguintes, pelas condições do campo), entre os quais Brazda e seu amigo alemão Fernand. Sobre seu período no campo de concentração, o biografado diria: "Todo esse período da minha vida me parece hoje como um sonho do qual nos lembramos vagamente ao acordar" (p. 156). Brazda seguiria, então, para Mulhouse na França, onde viveria de sua formação profissional como telhador (função que praticamente lhe salvou a vida em Buchenwald) e com seu companheiro Edi (falecido em 2003).

Sob o ponto de vista jurídico, podemos lembrar hoje que, em 1997, o XIII Congresso Mundial de Sexologia proclamou a *Declaração Universal dos Direitos Sexuais* (com emendas aprovadas durante a 15ª edição do mesmo Congresso, em 2000). O primeiro direito proclamado no documento é justamente o direito à liberdade sexual, com as seguintes palavras: "A liberdade sexual diz respeito à possibilidade dos indivíduos em expressar seu potencial sexual. No entanto, excluem-se todas as formas de coerção, exploração e abuso em qualquer época ou situações de vida". Essa proclamação parece dar vida à longa experiência pessoal de Brazda, expressa nas seguintes palavras: "Eu conheci de tudo – da mais ignóbil repressão à grande emancipação de hoje" (p. 175).

Que Brazda tenha sobrevivido para conhecer duas realidades tão distintas – a perseguição de ontem e a emancipação de hoje – serve para provar que sempre vale a pena para o indivíduo sobreviver (mesmo a um campo de concentração): vale a pena sobreviver para ver as guerras terminarem, para ver as autocracias serem derrubadas, para ver os direitos serem conquistados e, simplesmente, para viver a vida, cada um segundo suas liberdades individuais, inclusive a liberdade sexual.